

## PRAÇA DAVID NASSER

Decreto nº 6464 de 16-04-1981

Formada pela praça nº 8 do Jardim dos Olivei-  
ras - 3a. parteSituada entre as ruas Antenor Batista e Waldo-  
miro Gonzaga Silva

Jardim dos Oliveiras

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal  
Francisco Amaral. Protocolado nº 34.371/80.

## DAVID NASSER

David Nasser nasceu na cidade paulista de Jaú, em 01-janeiro-1917 e faleceu no Rio de Janeiro em 10-dezembro-1980. Foi casado com Isabel Nasser não deixando filhos. Por mais de quarenta anos trabalhou em jornais e revistas. Após ter trabalhado anos como secretário do cantor Francisco Alves, iniciou-se na imprensa no jornal "O Globo" onde permaneceu por nove anos. Passou a seguir para o "Diário da Noite", do Rio, e tempos depois começou a escrever para "O Cruzeiro", revista semanal, onde atingiu o auge da carreira, sendo autor de reportagens famosas como o primeiro vôo sôbre uma aldeia Xavante, a Guerra da Palestina, em 1948, a morte de Aida Cury, além dos artigos contra Leonel Brizola e Jânio Quadros. Com o fotógrafo Jean Manzon formou uma dupla que marcou época no jornalismo, sendo deles a reportagem com Barreto Pinto, que acabou causando a cassação do então deputado federal, por ser fotografado de cueca e paletó. Foi também autor de inúmeros sucessos musicais, fazendo a letra de "Confeti", "Nega do Cabelo Duro", "Esmagando Rosas", "Mamãe", "Carlos Gardel", "Normalista" e outros. Publicou vários livros, como: "A Cruz de Jerusalém", "Falta Alguém em Nuremberg", violento ataque a Felinto Muller, chefe de polícia durante o Estado Novo, "João Sem Mêdo", sôbre João Calmon, "Velho Capitão" sôbre Assis Chateaubriand, criador dos Diários Associados.



DECRETO N.º 6464 de 16 de abril de 1981

**DENOMINA "DACIONASSER" UMA PRAÇA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.**

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual N.º 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios),

**DECRETA:**

**ARTIGO 1.º** - Fica denominada "PRAÇA DAVID NASSER" a Praça N.º 8 do Jardim das Oliveiras 3a. Parte, circundada pelas ruas Antenor Batista e Waldomiro G. da Silva.

**ARTIGO 2.º** - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 16 de abril de 1981

**FRANCISCO AMARAL**  
Prefeito Municipal

**DR. CARLOS SOARES JÚNIOR**  
Secretário dos Negócios Jurídicos

**DR. DARCY STRAGLIOTTO**  
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido e publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito, com os elementos constantes do protocolado N.º 34371/80 em nome do Prefeito Municipal, na data supra.

**ARY PEDRAZOLLI**  
Diretor do Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito

**RETIFICAÇÃO**

DECRETO N.º 6464, DE 16 DE ABRIL DE 1981

NA EMENTA DESTA DECRETO ONDE SE LÊ:

"DACIONASSER"

Leia-se:

"DAVID NASSER"

PRAÇA DAVID NASSER



## RETIFICAÇÃO

DECRETO N.º 6464, DE 16 DE ABRIL DE 1.981

NA EMENTA DESTES DECRETOS ONDE SE LÊ:  
"DAVID NASSER"

Leia-se:

"DAVID NASSER"

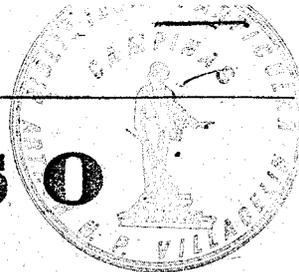
DECRETO N.º 6466, DE 16 DE ABRIL DE 1.981

ONDE SE LÊ:

DR. CARLOS SOARES JÚNIOR  
Secretário de Obras e Serviços Públicos

LEIA-SE:

DR. CARLOS SOARES JÚNIOR  
Secretário dos Negócios Jurídicos



# Morre aos 63 anos o jornalista Davi Nasser

Da sucursal do RIO

Aos 63 anos de idade morreu ontem, no Rio, o jornalista, escritor e compositor Davi Nasser, que há três dias fora submetido a uma intervenção cirúrgica, na Casa de Saúde São José, por causa de uma infecção biliar. O sepultamento será hoje, às 10 horas, no Cemitério São João Batista.

Segundo o cantor João Dias, seu cunhado, que estava presente no apartamento 108, daquela clínica, na hora

em que Nasser morreu, (15h15), desde terça-feira Davi Nasser entrara em coma profunda.

Davi Nasser deixa viúva d. Isabel Nasser. O casal não tinha filhos. Os amigos mais íntimos informaram que estavam organizando uma grande festa para comemorar o 64º aniversário do jornalista, que deveria ocorrer no dia 1º de janeiro, junto com a festa do reveillon. Ainda segundo João Dias, o estado de saúde de Davi Nasser começou a piorar há um mês.

## A presença na música popular

O interesse de Davi Nasser pela música popular brasileira não se resumiu aos livros "A vida trepidante de Carmen Miranda" e "Chico Viola", que publicou em 1966. Antes, muito antes, aquele que se definiria sobretudo um letrista — Nasser jamais compôs — encontrou em Nelson Teixeira um parceiro e em Aracy de Almeida uma intérprete: "Chorei quando o dia clareou" foi a primeira letra para um samba, escrita aos 18 anos. O letrista que escreveria "Confete", "A coroa do rei", "Esmagando rosas", "Hoje quem paga sou eu", "Nega do cabelo duro", "Normalista", e tantos clássicos da música popular, nasceu do jornalista que, entre 1935 e 1943, frequentou o Café Nice e conviveu com Orestes Barbosa, Antônio Nássara, Ataulfo Alves, cobrindo também o enterro de Noel Rosa e as brigas entre Custódio Mesquita e Ary Barroso. A música popular estava ali, e ali estava aquele paulista de Jau: "Sem querer, aquilo tudo foi entrando nas minhas veias e de repente vi-me fazendo uma letra aqui, outra ali". Uma letra para Alcyr Pires Vermelho ("Canta, Brasil"), outra para Haroldo Lobo ("Alô, alô, América"), e outra mais para Herivelto Martins ("Carlos Gardel"), e Benedito Lacerda, Kid Pepe, Custódio Mesquita, Roberto Martins, Rubens Soares. Pouco a pouco, Davi Nasser construiu uma obra, até se tornar um "morto-vivo" da música brasileira. Isso nos anos 60:

Certos compositores ou letristas não podem mais gravar porque não são aceitos como autores do momento, mas sim do passado. No Brasil, se um compositor antigo fizer uma música hoje, ela não será executada.

Mas em seu tempo de maior prestígio, década de 40 e parte da década de 50, Nasser teve muitas letras gravadas, destacando-se sempre com uma música de meio de ano e outra de carnaval. E, em 1975, não guardava sua mágoa: "Ainda há pouco, a Odeon regravou 'Esta noite não', letra minha, música de Joubert de Carvalho e interpretada por Agnaldo Timóteo. Não foi tocada em nenhuma rádio". Hoje, pode até ser que as rádios toquem músicas com letras de Davi Nasser. Ou mesmo aquela que tem um verso antológico: "confete, pedacinho colorido de saudade" — que Nasser sempre fez questão de dizer que não era seu: "Esse verso não é meu, e sim do Candetas". O letrista, nunca mais. F.M.



Telefones Estação

Davi Nasser será sepultado hoje no S. João Batista

## No velório, os amigos e o elogio do ex-ministro

O corpo de Davi Nasser chegou ao prédio da Editora Bloch, onde foi velado, às 15h15. O caixão marrom estava coberto de rosas vermelhas, e, tão logo foi colocado no fundo do saguão principal, começaram a chegar os amigos.

O ex-ministro da Justiça, Armando Falcão, foi um dos primeiros a entrar. Após permanecer alguns minutos pró-

mos juntos. E dele só me recordo, nessa oportunidade de seu falecimento, com muito carinho".

Por sua vez, o presidente Figueiredo enviou o seguinte telegrama de pêsames à viúva de Davi Nasser: "Rogo aceitar meu abraço comovido pelo falecimento de seu marido e meu amigo, jornalista Davi Nasser. Sua morte enluta toda a imprensa brasileira e priva-

Nenhum registro: 1 atq. o Ar. de m. r. este pela  
 de Davi Nasser. ad. Rafael 11. XII. 80

Davi Nasser será sepultado hoje no S. João Batista

ANDV. 1396-5

# No velório, os amigos e o elogio do ex-ministro

O corpo de Davi Nasser chegou ao prédio da Editora Bloch, onde foi velado, às 18h15. O caixão marrom estava coberto de rosas vermelhas, e, tão logo foi colocado no fundo do saguão principal, começaram a chegar os amigos.

O ex-ministro da Justiça, Armando Falcão, foi um dos primeiros a entrar. Após permanecer alguns minutos próximo da urna, disse que "a imprensa e a vida política nacional perdem uma das figuras mais expressivas. Como jornalista e escritor, Davi Nasser brilhava com um fulgor extraordinário. Eu o conheci muito, de perto e fiz ao lado dele campanhas políticas memoráveis. A Nação perde um de seus filhos mais combativos, que lutou pela causa pública com alma e talento inigualáveis".

Austregésio de Athayde, presidente da Academia Brasileira de Letras: "Perdemos uma grande figura, não só, como homem, mas também como jornalista e escritor. Eu, como seu velho chefe no Diário Carioca, estou muito comovido com esta perda. Sempre achei que Davi era um dos nossos mais brilhantes profissionais".

Roberto Marinho, diretor das Organizações Globo: "Davi foi um dos melhores jornalistas de uma época de luta, quando o Rio de Janeiro tinha cerca de 30 jornais. No Globo, ele se destacou por sua vivacidade, tenacidade e inteligência. Recentemente, ele teve a nobreza e a coragem de penitenciar-se publicamente de algumas farpas que tinha lançado contra mim no auge de uma luta jornalística. Isso ele fez através de artigos que escreveu. Não encontro sucessor para ele no quadro atual do jornalismo, que possa substituir Davi na paixão pelas causas que abraçava. Desse antigo companheiro, guardo somente os bons momentos que passa-

mos juntos. E dele só me recordo, nessa oportunidade de seu falecimento, com muito carinho".

Por sua vez, o presidente Figueiredo enviou o seguinte telegrama de pésames à viúva de Davi Nasser: "Rogo aceitar meu abraço comovido pelo falecimento de seu marido e meu amigo, jornalista Davi Nasser. Sua morte enluta toda a imprensa brasileira e priva seus leitores do grande jornalista. Dulce junta-se a mim, para pedirmos a Deus paz e eterno descanso para a alma do nosso estimado Davi. Sinceramente, João Figueiredo, presidente da República".

Uma bandeira da "Escuderie Detetive Le Cock", da qual, desde sua fundação, em 1965, Davi era presidente de honra, foi colocada próximo ao seu caixão, enquanto começavam a chegar ao prédio da Bloch várias coroas de flores. Segundo o detetive Sivuca, atual presidente da Escuderie, cujo símbolo é uma caveira e a inscrição "E.M." (Esquadrão da Morte), Nasser foi escolhido presidente de honra por ter sido confiado a ele a missão de selecionar os homens para a segurança de vários políticos.

Há meses que o jornalista Ayrton Baffa tentava colher um depoimento de Nasser sobre sua vida profissional. Mas havia sempre uma desculpa para adiar. No dia 21 de novembro, quando Baffa voltou a insistir, ouviu a seguinte resposta: "Isso me cheira a necrológio..."

Ontem, seu cunhado, o cantor João Dias, reproduzia suas últimas palavras, antes de entrar em coma: "A vida é uma festa em que a gente entra nela começada e sai antes dela ter terminado".

## O cansaço no fim da carreira

Sexta-feira, 28 de novembro, menos de uma semana depois de sua internação na Casa de Saúde São José, para ser operado de cálculo biliar, Davi Nasser teve um encontro com o companheiro de grandes jornadas que, com ele, marcou época no jornalismo, na década de 50: Jean Manzon. Ontem, no momento em que Davi Nasser morria, Manzon viajava de Salvador para o Rio, sem saber dessa notícia.

O encontro da dupla na casa de Nasser, no Alto da Boa Vista para onde, recentemente, transferira seu escritório do Centro da cidade, foi quando reuniu outros amigos para assistir ao filme "Uma Canção Brasileira", feito por Manzon, com texto de Davi. O filme, a cores, é narrado por Sérgio Chapelin e deverá ser exibido ao presidente da França, quando da visita do presidente João Figueiredo àquele país.

Davi Nasser já se achava bastante enfraquecido. Caminhava com dificuldade, sem aquele andar marinho, às vésperas de completar 64 anos. A família e os amigos mais próximos tinham conhecimento da gravidade de sua doença, que Nasser ignorava ou fingia ignorar. Naquela semana, a revista Manchete publicava um artigo seu em que se despedia, agradecendo a Adolpho Bloch ter-lhe dado abrigo profissional, depois que renunciou aos "Associados", em 1975, quando doou suas ações a uma entidade beneficente, a ABBE.

"De minha parte, dizia Nasser no artigo, sinto a aproximação da hora em que necessito dedicar-me inteiramente às páginas de lembranças e aos boais que sustenta, assim como sinto o cansaço do leitor e o cansaço de mim mesmo, nesta rotina semanal".

Davi Nasser, terceiro dos sete filhos de um casal de imigrantes libaneses, nasceu em 1917, em Jaú, São Paulo. Tinha poucos meses quando foi levado

para Mato Grosso (Campo Grande e Três Lagoas). Depois, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde ficou até os seis anos de idade. Sua família se mudou para Caxambu, e ali morou de 1925 a 1930. O curso primário ele fez no Grupo Escolar Padre Correia de Almeida. Com 13 anos voltou para o Rio.

Na imprensa, Nasser destacou-se pelas suas reportagens na fase de ouro dos "Associados" e de O Cruzeiro, quando chegou a ganhar um percentual sobre a tiragem da revista. Ao lado de Jean Manzon, correu o mundo atrás da notícia, cujas histórias gostava de contar em longas e intermináveis conversas com amigos.

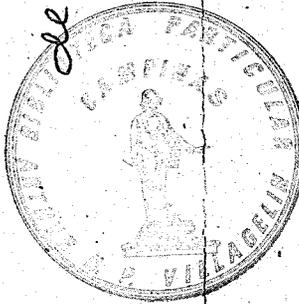
De Assis Chateaubriand, Davi Nasser guardava uma profunda admiração e reconhecimento, além de histórias sem fim, como aquela em que, certa vez, o chamou em seu gabinete nos "Associados". Chatô não acreditava que Davi Nasser fosse capaz de ser o autor das reportagens e artigos que assinava, pois achava o repórter com cara de imbecil. Quando ouviu isso de Chatô, Nasser ironizou, antes de se sentar à máquina: "O senhor quer que eu escreva no meu estilo ou no seu?".

Na tarde de 21 de novembro, Davi Nasser concedeu sua última entrevista, falando ao jornalista Ayrton Baffa, de O Estado-Jornal da Tarde.

Durante mais de uma hora, já curvado sob o peso da gravidade da doença, Nasser falou sobre vários assuntos, entre eles os rumores de que uma das redes de televisão que pertenciam aos "Associados" seria entregue ao Grupo Abril, mesmo depois do escândalo "Quatro Rodas". "No Brasil, disse Nasser, tudo é possível, pois até os Diários Associados, falidos como estavam, conseguiram receber aquela montanha de dinheiro do Geisel."

*Armando Falcão*

*Davi*



PRAÇA DAVID NASSER



## Por que esquecer David Nasser?

Sr.: Talvez ainda não seja tarde demais para que as autoridades cariocas façam alguma coisa para eternizar numa praça, numa rua ou numa escola, o nome de um jornalista polêmico e letrista de sambas inesquecíveis como "Confete", "Nega do Cabelo Duro", "Normalista", e tantos outros clássicos da música popular brasileira: David Nasser. No dia 10 último (quinta-feira), quando da passagem do primeiro aniversário de seu falecimento, na Igreja Santa Cruz dos Militares, no Rio de Janeiro, os amigos comentavam com tristeza o esquecimento a que estava sendo relegado aquele que passou a vida inteira escrevendo em jornais e revistas. Escritor de vários livros, sua última obra — 800 páginas — em que ele contava a história da música popular brasileira e que esperava ver publicada até o fim do ano passado, ainda se encontra na Fundação Nacional do Livro e, sem explicação plausível, não se sabe até quando...

Meses antes de sua morte, ainda na sua casa — cujo trinco da porta nunca se fechava — ele conversava com amigos comuns sobre a sua vida de trabalho e dos projetos que ainda tinha: ver o seu livro pronto e reeditar um outro, feito à luz de provas: "Falta alguém em Nuremberg", cuja última edição está esgotada de há muito.

O paulista de Jau, descendente de libaneses e carioca por adoção, era um apaixonado pelas causas que abraçava. Dir-se-ia um advogado convicto da inocência do seu cliente. A guisa de exemplo, lembro o carinho com que trabalhava para que fossem devolvidas as honrarias a Carlos Lacerda, o grande e

inesquecível primeiro governador do Estado da Guanabara. Tanto isso é verdade que ficou muito animado, quando tomou conhecimento de que se tentava fundar a Sociedade dos Amigos de Carlos Lacerda. Tomou parte em reuniões, assim como estudava os seus estatutos, quando faleceu sem vê-la constituída de fato e de direito.

Com a sua companheira inseparável — a máquina de escrever — lutou por Francisco Alves, quando lhe queriam atribuir a paternidade de um filho que nunca teve; lutou pela desditosa Aida Cury; atravessou fronteiras para trazer aos seus leitores — junto com Jean Manzon — reportagens que ficaram marcadas na história do jornalismo brasileiro.

Da sua convivência com Orestes Barbosa, Antonio Nassara e Ataulfo Alves — no famoso Café Nice — nasceria o letrista de inúmeros sucessos ainda hoje cantados nos salões. A história de toda uma época seria levada para os seus livros "A vida trepidante de Carmem Miranda" e "Chico Viola".

Podíamos passar horas, meses falando do jornalista nato David Nasser, mas apenas lembramos agora a frase que lhe foi atribuída horas antes de morrer: "A vida é uma festa que a gente entra nela começada e sai antes dela terminada". Antônio Cervaiho Mendes, Capital.

As cartas — datilografadas — devem conter, bem legíveis, o nome, endereço completo e os números do telefone e da carteira de identidade do remetente.

(Do jornal "O Estado de S. Paulo", de 13-12-1981)



# David Nasser morre aos 63 anos, no Rio de Janeiro

**RIO (FT)** — Acostumado a viver grandes emoções na época em que era um dos nomes mais populares do País, o repórter David Nasser, aos 63 anos, morreu, ontem, tranquilamente ("em paz e sem sofrer"), como disse sua mulher. Num leito da Casa de Saúde São José, onde tinha sido internado na última sexta-feira, insuficiência hepática, renal e respiratória foi a causa da morte de Nasser, que se manteve lúcido até poucas horas antes. O corpo está sendo velado no prédio da revista "Manchete" — onde ele escrevia, ultimamente — e o enterro será hoje, às 10 horas, no Cemitério São João Batista.

O jornalista tinha problemas de saúde há algum tempo. Os médicos lhe haviam recomendado várias vezes a internação, mas, como ele detestava hospital, sempre adia um tratamento mais intenso. Há duas semanas seu estado geral piorou, mas, mesmo assim, Nasser manteve-se irredutível. Na última sexta-feira, sentindo a gravidade de seu estado, consentiu em ser internado. Até domingo parecia bem,

mas se estivesse despedindo-se dela". Uma das frases ficou guardada na mente de João Dias: "A vida é uma festa em que a gente entra sem ser convidado e sai antes de ter terminado." Para ele, David Nasser adorava o jornalismo, mas se sentia realizado, mesmo, como compositor. Costumava dizer que, em música, sempre foi "o parceiro da glória", pois compôs com nomes famosos, como Ari Barroso, Herivelto Martins e Joubert de Carvalho.

"Parceiro da Glória" foi, aliás, o título escolhido por Nasser para a primeira parte de suas memórias, que terminou recentemente. No livro — que será editado brevemente —, Nasser lembra a época da Rádio Nacional, do Café Nilce, suas parcerias e suas músicas famosas, como "Canta Brasil", "Corifeu", "Nega do Cabelo Duro", "Emagando Rasas", "Mãe", e "Carlos Gardel". Ele resolveu começar suas memórias João Dias, que suas letras eram mais bonitas que suas reportagens. Tinha orgulho do fato de Manuel Bandeira ter considerado "Qual é o pente que te penteia"

um dos mais belos versos da língua portuguesa. Apesar de seu êxito como compositor, escritor e fazendeiro — era dono de várias fazendas, espatuladas por Mato Grosso, Paraná e São Paulo — David Nasser não esquecia o jornalismo.

## CARREIRA

Faustista de Jauá, David Nasser fez 64 anos no próximo dia 1º. Há mais de 40 anos trabalhava em jornal. O início foi em "O Globo", depois de ter trabalhado, durante anos, como secretário do cantor Francisco Alves. Foi nessa época que se aproximou de compositores e começou a escrever letras para músicas. Como gostava de escrever acabou procurando emprego em jornal.

Depois de "O Globo", onde ficou nove anos, Nasser foi para o "Diário da Noite", onde suas reportagens chegaram a triplicar a tiragem do jornal. Mas foi em "O Cruzeiro", revista semanal, que atingiu o auge da carreira. Para a revista, Nasser escreveu reportagens famosas, como o primeiro vídeo sobre a aldeia Xavante e a Guerra da Palestina, em 1948. Com Jean Manson formou uma

dupla que marcou época. E deles a reportagem com Barreto Pinto que acabou causando a cassação do então deputado federal. Manzon conseguiu fotografar o dia da e o pai dele.

As campanhas que promovia faziam vender a revista de maneira fora do comum. "O Cruzeiro", quando tinha David Nasser como seu repórter principal, chegou a vender 700 mil exemplares, recorde até hoje na imprensa brasileira. A série de reportagens sobre a morte de Aida Curt e os artigos contra Leonel Brizola e Jânio Quadros ficaram famosos.

Por fazer que seus trabalhos jornalísticos fossem espetáculos, Nasser recebeu coletar alguns deles em livros. "A cruz de Jerusalém" é sobre a guerra na Palestina; "Falta algum em Nuremberg" é um ataque violento à atuação de Filinto Müller, chefe de Polícia, durante o Estado Novo; "Portugal, meu avôzinho", reúne textos sobre o País; "João sem medo" é sobre João Calmon, ex-diretor-presidente das Diários Associados e o "Velho Capitão" é Assis Chateaubriand, criador dos Associados.

(Recorte do jornal "Folha da Tarde", de S. Paulo, do dia 11-dezembro-1980. O compositor faleceu no dia 10-dezembro-1980.)